

O EMPREGO DA VBTP EE-11 URUTU NA MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ESTABILIZAÇÃO DO HAITI (MINUSTAH)

Maj José Renato Gama de Mello Serrano



Introdução

A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) foi autorizada pela resolução do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) nº 1542, de 30 de abril de 2004, fruto dos diversos problemas nas esferas política, econômica e social que o país caribenho enfrentava no início do século XXI (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

A liderança militar das tropas da ONU no Haiti ficou sob responsabilidade do Brasil. Para tal, inicialmente, fez-se necessário o desdobramento de um Batalhão Brasileiro de Infantaria de Força de Paz (BRABAT), além de outras funções de Estado-Maior da Missão (PEIXOTO, 2009). Ao longo dos 13 anos de missão, o Brasil contribuiu com outras tropas, como o 2º Batalhão Brasileiro de Infantaria de Força de Paz (BRABAT 2) e a Companhia Brasileira de Engenharia de Força de Paz (BRAENGOY). O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, subunidade integrante do BRABAT, utilizava o blindado MOWAG Piranha III, contudo sua atuação seguia a doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais, o que propiciava maior independência a esta fração.

Com a necessidade de reestabelecer a ordem no país e, principalmente, conter os avanços dos grupos armados que comprometiam a segurança de Porto Príncipe, capital do Haiti, o BRABAT utilizou seus meios de combate de maior impacto e proteção nas áreas de maior risco para as tropas: a Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP) EE-11 Urutu (PACHECO, 2007).

O Urutu era a plataforma utilizada pelo Esquadrão de Fuzileiros de Força de Paz (Esqd F Paz), subunidade de Cavalaria integrante do BRABAT. Devido às características de seus operadores e da própria viatura, a maior parte dos Comandantes do BRABAT desdobrava o Esqd F Paz nos bairros de maior risco de confrontos, o que contribuiu para adaptações do emprego e da doutrina terrestre brasileira em ambiente urbano.

Este artigo busca apresentar como ocorreu o emprego do Urutu pela tropa brasileira na MINUSTAH. Para tal, é preciso que a missão, desdobrada entre os

anos de 2004 e 2017, seja dividida em dois períodos: o primeiro entre os anos de 2004, com a chegada das tropas, e 2007, com o fim dos confrontamentos entre a MINUSTAH e as gangues no país; e de 2007 a 2017, com o fim das atividades do componente militar da ONU no Haiti e implementação da Missão das Nações Unidas para apoio à justiça no Haiti (MINUSTH) (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

Em cada uma das fases, será enfatizado de que maneira a VBTP Urutu foi utilizada pelas tropas do BRABAT e de que forma a sua utilização contribuiu para o sucesso dos contingentes brasileiros na MINUSTAH.

Desenvolvimento

Histórico da VBTP Urutu

O ano de 1970 marcou o início do projeto da VBTP Urutu, por meio de uma iniciativa da empresa Engenheiros Especializados S/A (ENGESA). Este veículo, inicialmente, foi preparado para atender às demandas do Exército e da Marinha, razão pela qual fazia-se necessário explorar suas capacidades anfíbias de veículo sobre rodas. A partir de 1972, o Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil incentivou a ENGESA a produzir a viatura. No entanto, foi no Exército que este blindado alcançou melhor aceitação e mostrou-se extremamente útil até os dias atuais (ENGESA, 1974).

Em um primeiro momento, o Urutu teve sua fabricação direcionada às Forças Armadas do Brasil. Devido ao seu desempenho, países da América Latina, como Equador e Chile, da África, como Marrocos e Líbia e do Oriente Médio, como Iraque, negociaram a aquisição da VBTP. No total, a ENGESA produziu aproximadamente 1.500 viaturas para diversos países (FERNANDES, 2019).

A proposta da blindagem do Urutu era de ser leve, tendo em vista a sua menor espessura, permitindo maior agilidade sem descuidar da proteção contra disparos de armas portáteis e estilhaços de granadas (ALVES, 2019). Sua capacidade abrange um total de até 13 militares equipados, contendo dentre eles 01 motorista, 01 Operador de Rádio, o Comandante do Carro e 10 Combatentes.

Com a modernização do Exército ocorrida nos anos 1980, as Organizações Militares inseridas nas Grandes Unidades de Cavalaria Mecanizada passaram a receber a viatura e explorar suas capacidades.

Emprego na MINUSTAH Uso da VBTP Urutu entre os anos de 2004 e 2007

A área de responsabilidade do BRABAT era localizada, neste primeiro momento, apenas na cidade de Porto Príncipe, nos pontos mais sensíveis e de maior incidência de grupos armados. Os focos de violência eram vistos, com maior destaque, nos bairros de Bel Air, Cité Soleil e Cité Militaire (PEIXOTO, 2009).

O primeiro contingente chegou ao Haiti no ano de 2004 e verificou a dificuldade em atuar em uma grande área de operações urbanas (praticamente toda a cidade de Porto Príncipe), dotada de vias estreitas e trânsito congestionado. Neste contexto, o Urutu enfrentou restrições de movimentação, uma vez que os deslocamentos, por vezes, levavam horas e desgastavam não só a viatura, como também a sua guarnição (PEIXOTO, 2009).

Em um momento inicial, as tropas de Cavalaria atuavam a maior parte do tempo embarcadas e com todo o efetivo do Grupo de Combate a bordo das viaturas. Com o passar do tempo, verificou-se que a limitação de espaço dentro do Urutu impedia um melhor desempenho da fração e fez com que houvesse uma adaptação na doutrina de operação das tropas de Cavalaria do BRABAT. Assim, adotou-se a utilização das Guardas Operacionais (Gu Op): tratava-se do emprego de 06 homens por viatura, sendo 01 Motorista, 01 Atirador e 04 Combatentes. Com isso, era possível que cada militar ocupasse uma escotilha do blindado e havia a redução da frequência de patrulhas por homem, garantindo melhores condições para as ações de combate.

Após o aumento dos protestos contra o governo local e o crescimento de movimentos contra a atuação da ONU no país caribenho, os grupos armados passaram a bloquear as vias principais e o acesso a seus redutos, dificultando a ação da MINUSTAH.



Figura 1: Efetivo de uma Gu Op durante patrulhamento noturno.

Fonte: CCOMSEEx.



Figura 2: Fossos cavados pelas gangues para barrar o acesso da tropa.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Este cenário fez com que a utilização do Urutu fosse incrementada, uma vez que era a única viatura do BRABAT capaz de enfrentar as grandes manifestações e superar os obstáculos lançados nas vias de acesso da capital (PACHECO, 2007).

Fruto dessas ameaças, viu-se a necessidade de aumentar a proteção da tropa durante os patrulhamentos. Por vezes, os militares eram atingidos por estilhaços de disparos de arma de fogo, pedras e outros objetos lançados contra a tropa (BASTOS, 2018). Para reduzir os efeitos destes ataques, foram adicionados sacos de areia ao redor das escotilhas do Urutu, no intuito de proteger os vãos expostos das escotilhas e proporcionar maior segurança à guarnição. Estes sacos foram substituídos por placas de metal, a partir de 2010, no intuito de reduzir o peso sobre o chassi da viatura.

O emprego do Urutu foi importante nas ações de maior risco, por ser a única peça de manobra do Ba-

talhão, à exceção do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, dotada de proteção blindada. Costumeiramente, os Urutus eram utilizados pelo Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados nos bairros de Bel Air, Cité Militaire e Cité Soleil e, também, como meio de transporte do Destacamento de Operações de Paz (DOPAZ), fração do BRABAT voltadas às operações especiais.

Neste contexto, dentre todos os militares que operavam o Urutu, aquele que ficava mais exposto era o motorista. Além de ser extremamente difícil conduzir a viatura nas vias estreitas da capital haitiana – e praticamente impossível fazê-lo com a escotilha fechada, por muitas vezes estes militares eram os primeiros a ver os ataques contra a tropa. A fim de garantir uma maior segurança, foram construídas proteções blindadas para que o motorista pudesse conduzir a viatura sem correr risco de ser atingido por disparos da Força Adversa, permitindo que a guarnição operasse com mais segurança. Além do motorista, o atirador também foi contemplado com uma cabine blindada de proteção, tendo em vista que o operador da metralhadora expunha grande parte do seu corpo para fora da viatura. O armamento da VBTP Urutu é operado de forma manual, diferente da VBTP Guarani que possui armamento remotamente controlado.

Ainda nos primeiros anos da MINUSTAH, notou-se que os manifestantes costumavam lançar obstáculos como carros, motos, pneus em chamas ou qualquer objeto que bloqueasse os deslocamentos das tropas e da Polícia Nacional Haitiana (PNH). A fim de reduzir a eficácia destas barreiras, 02 Urutus ganharam uma lâmina frontal para diminuir os efeitos da estratégia oponente.

O aumento das ações das gangues contra a mobilidade e a segurança das tropas da ONU no Haiti levou ao aumento das medidas de proteção por parte da MINUSTAH. A colocação de estruturas permanentes, como sacos de areia e cabines de proteção balística no Urutu, aumentou significativamente o peso do carro, o que diminuiu a vida útil dos componentes da suspensão bumerangue e cubo de roda. Foi de fundamental importância a atuação dos escalões logísticos de manutenção para que não houvesse falha de continuidade nos trabalhos do BRABAT durante o período mais intenso de combates durante a missão de paz (LESSA,2007).

A partir de fevereiro de 2007, verificou-se a redução dos confrontos armados entre as tropas da MINUSTAH e as gangues em Porto Príncipe, tendo em vista a pacificação de Cité Soleil, último reduto da marginalidade no Haiti até então. Ressalta-se que este trabalho só foi possível pelo largo emprego de blindados pelas tropas do BRABAT, principalmente o Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado e o DOPAZ.



Figura 3: Urutu com cabines de proteção balística para o motorista e atirador e lâmina frontal.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Uso da VBTP Urutu entre os anos de 2007 e 2017

A partir do 7º Contingente do BRABAT, desdobrado em junho de 2007, houve menor ação dos grupos armados contra as tropas da MINUSTAH. Com isso, diminuiu-se a necessidade de empregar o Urutu com tanta frequência em patrulhamentos constantes. Como decisão dos Comandantes de Batalhão, o Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados passou a ser a reserva do BRABAT na maior parte dos contingentes.

Como forma de mostrar à população que a situação de segurança no país estava sob controle, passou-se a reduzir a utilização de blindados nas ruas e adotou-se o emprego maior de viaturas leves, como as Land Rover 90 e 130 e as viaturas Marruá, o que preservava o emprego dos Urutus para grandes operações e reduzia significativamente o consumo de combustível do componente brasileiro.

Entretanto, o cenário político e social no Haiti era muito volátil e o aumento das tensões no país, como no aumento dos preços de alimentos em 2008 e nos processos eleitorais das diversas esferas governamentais, causaram instabilidade para a MINUSTAH. Desta maneira, o BRABAT utilizava a sua tropa blindada para acompanhamento e controle destes movimentos, a fim de preservar a paz conquistada. Por vezes, o Urutu foi alvo de disparos e lançamentos de materiais como pedras e coquetéis molotov e não sofreu avarias, reforçando a qualidade de sua blindagem.

Em 2009, passou-se a cogitar a redução dos efetivos da MINUSTAH, uma vez que o ambiente seguro e estável, um dos objetivos do mandato estabelecido pela ONU, mostrava-se cada vez mais consolidado. No entanto, em 12 de janeiro de 2010, um terremoto de largas proporções levou o país à maior crise de sua história. Com a capital Porto Príncipe destruída e estruturas políticas colapsadas, a ONU teve que agir para reerguer o Haiti. A partir desta data, o Urutu voltou a ser empregado com mais frequência, por conta de sua capacidade de transposição de obstáculos e robustez, facilitando os trabalhos do BRABAT.

A desobstrução de vias de acesso, que anteriormente estavam tomadas por veículos e pessoas e, naquele mo-



Figura 4: Viaturas Marruá.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

mento, passou a ser coberta por entulhos e escombros, foi uma das principais utilidades do Urutu. A VBTP mostrou-se útil para o transporte de material e pessoal a pontos onde as viaturas leves possuíam dificuldades de transposição. Contudo, pelo reduzido espaço de manobra na maioria das ruas e pela necessidade de preservar recursos como combustível, o blindado foi empregado apenas em ações pontuais, em um primeiro momento.

Ainda em janeiro de 2010, a ONU decidiu, por meio da resolução do seu conselho de segurança nº 1908, de 19 de janeiro de 2010, aumentar o efetivo para apoiar os trabalhos de recuperação, reconstrução e estabilidade do país. (NAÇÕES UNIDAS, 2021). Assim, o Brasil enviou outro batalhão para o teatro de operações haitiano, o BRABAT 2.

A chegada da nova unidade ampliou a atuação do Urutu no Haiti, uma vez que a composição do 2º Batalhão Brasileiro contemplava também uma SU dotada dessa viatura. O Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado do BRABAT 2 passou a operar em uma área de operações no centro da capital Porto Príncipe, a cerca de 40 minutos de deslocamento a partir da base de operações do batalhão, exigindo destreza e capacidade dos motoristas em longos deslocamentos diários.

O desdobramento do BRABAT 2 ocorreu entre os anos de 2010 e 2013 e o emprego do Urutu mostrou-se eficaz no controle de manifestações como as realizadas por ocasião das eleições presidenciais e no apoio ao surto de cólera no país, ambas em 2010 (MACEDO, 2010). A contenção dos atos reivindicatórios teve contribuição decisiva por meio da dissuasão causada pelos blindados brasileiros.

Após 2013, com a queda dos índices de violência no país e a redução gradativa dos efetivos militares na MINUSTAH, a utilização do Urutu ficou restrita a patrulhas com menor frequência e o Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados passou a operar mais com viaturas leves e caminhões, deixando o blindado para situações de maior risco (BRASIL, 2013).

Com o fim da participação do componente militar e, consequente, fim da MINUSTAH e início da MINUSTH, verifica-se que a bem-sucedida participação brasileira na missão passou pelo correto emprego de seus meios, particularmente dos seus recursos blindados.

Conclusão

O emprego do Urutu na MINUSTAH apresentou diferentes perspectivas ao longo dos anos (CAVALCANTE, 2018). Percebeu-se que, em um primeiro momento, os militares brasileiros utilizavam a viatura seguindo as doutrinas de emprego de combate regular, sem atentar para as peculiaridades do cenário haitiano. Essa utilização fez com que a tropa mudasse seu comportamento rapidamente, a fim de evitar maiores danos à sua integridade.

Ainda em 2004, verificou-se que a viatura necessitava de adaptações para superar suas limitações e ampliar suas possibilidades de emprego. Assim, foram colocados os sacos de areia nas posições mais vulneráveis e, com o passar dos anos, foram acrescentadas cabines de proteção para o motorista e atirador, placas de metal em substituição a estes mesmos sacos de areia, além da lâmina para retirada de objetos à frente.

O impacto causado pelo emprego do Urutu no Haiti foi um diferencial para o sucesso das operações militares do BRABAT. Sua utilização em combates contra a Força Adversa evidenciou sua capacidade de resistência a impactos de munições de calibre até 7,62 mm. A confiabilidade no uso da viatura permitiu o êxito do contingente brasileiro na pacificação dos bairros mais perigosos de Porto Príncipe (CORADINI e LEVY, 2014).

Ainda que o Urutu tenha apresentado problemas com o sobrepeso de material em sua carroceria, potencializados pela transposição de obstáculos como

fossos e barreiras artificiais lançadas pelas gangues haitianas, e com as precárias condições de tráfego na capital Porto Príncipe, cabe ressaltar que a sua utilização na MINUSTAH apresentou mais aspectos positivos do que negativos, pelo emprego deste blindado em uma situação de combate fora do território nacional.

Cabe ressaltar que a adaptação de Gu Op ocorreu a partir da necessidade de melhor aproveitamento da viatura, e dos recursos humanos para mobiliar o Urutu em seus patrulhamentos de rotina.

Por fim, não resta dúvida que o sucesso da missão passa pelo correto emprego dos meios blindados dos BRABAT ao longo dos mais de 13 anos de desdobramento da MINUSTAH. Nesse contexto, o Urutu mostrou-se uma viatura confiável para realizar operações urbanas em ambientes operacionais semelhantes ao do Haiti. ☀

Maj José Renato Gama de Mello Serrano

Atualmente é adjunto na Divisão de Relações Públicas do Centro de Comunicação Social do Exército. Possui o Curso de Formação de Oficiais – AMAN (2004); o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO (2013); e Cursos e Estágios realizados no Brasil e no exterior, voltados à área de Operações de Paz.

Referências

ADRGHINI, Samy. Protestos contra a fome crescem no Haiti 2008 . Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0904200811.htm>. Acesso em 22 de maio de 2021.

ALVES, Lucas Rodrigues. COMPARAÇÃO DA VBTP GUARANI COM A VBTP URUTU NAS OPERAÇÕES GLO. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em ciências militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende-RJ, 2019.

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. ENGEZA EE-11 URUTU para uso policial – Outro marco histórico. DefesaNet, 2 de março de 2018. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/28841/ENGEZA-EE-11-URUTU-para-usoPolicial---Outro-Marco-Historico/>. Acesso em 13 de maio de 2021.

BRASIL, BRABAT 2/17 encerra as atividades operacionais no Haiti. 2013. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/haiti/noticias-brabat/-/asset_publisher/7axe0reuvUKr/content;brabat-2-17-encerra-as-atividades-operacionais-no-haiti#.YnskwWhKjIU. Acesso em 20 de junho de 2021.

CORADINI, Luiz Fernando; LEVY, Carlos André Maciel. O emprego da Cavalaria mecanizada em ambiente urbano: ensinamentos colhidos no Haiti. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/208657557/O-Emprego-Da-Cavalaria-Mecanizada-Brasileira-Em-AmbienteUrbano>. Acesso em 30 de junho de 2021.

CAVALCANTE, Fernando. Revisitando o debate nacional: cinco anos da missão no Haiti. Tese de Doutorado em Política Internacional e Resolução de Conflitos. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. 2009. Disponível em: www.uel.br/pos/mesthis/abed/anais/FernandoCavalcante02.doc. Acesso em 25 de junho de 2018.

ENGESA. Manual de Operação MM-015-048 EE-11 Urutu. (1974).

LESSA, Marco Aurelio Gaspar. A participação dos

contingentes do Exército Brasileiro na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH). Trabalho de conclusão de Curso (Mestrado em Administração Pública) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ , 2007.

MACEDO, Letícia. Missão de Paz no Haiti: 9 momentos para entender a história da operação liderada pelo Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/missao-de-paz-no-haiti-9-momentos-para-entender-a-historia-da-operacao-liderada-pelo-brasil.ghtml>. Acesso em 23 de junho de 2021.

NAÇÕES UNIDAS. MINUSTAH Ficha Informativa. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/es/mission/minustah>. Acesso em 18 de junho de 2021.

PACHECO, Fábio Cordeiro. Blindagens de campanha e medidas de proteção: experiência adquirida com a participação brasileira no Haiti. Ação de choque, Santa Maria-RS, ano 2007, n. 006. CIBld: 2007.

PEIXOTO, Ricardo Augusto do Amaral. Planejamento e Características do Emprego de Blindados na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). MILITARY REVIEW, Julho-Agosto, 2009.

